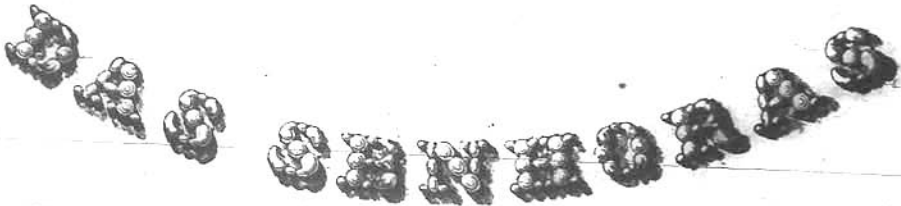


# O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina



## EDUCAÇÃO DA MULHER.

### III.

Os espinhos, que ao estrear parece offerecer ou offerece a educação da mulher, desaparecem em proporção do conhecimento adquirido do seu destino neste mundo em que vivemos. Conhecido elle, navega-se em mar de rosas, porque os preceitos são todos modelados pelas vozes que vemos sair d'aquelle ente, que por tantos motivos nos deve ser caro, e encontramos nelle sempre a melhor vontade a seguir-os, já pela docilidade natural ao sexo, já pela conformidade que lhe encontra com todos os movimentos de seu coração.

O primeira espinho, e certamente o mais agudo e resistente, é o conhecimento do destino da mulher: para adquiril-o é preciso tempo e estudo, é preciso vencermos certas repugnancias, e misturar-nos á sua vida: é preciso ouvil-as e interrogal-as com discernimento: é preciso andar sempre apoz ellas observando seus instinctos, e não perder uma de suas acções e movimentos.

Nós não estamos por certo neste caso, porque nunca estudamos a mulher; mas homem do

mundo, muitas vezes temos reflectido sobre certos actos da mulher, que nos parecião significativos. Vamos apenas consignal-os, e ver se poderemos concluir alguma cousa a respeito, sem levar mais longe nossa pretensão.

Uma menina no berço, nessa idade de felicidade ou infortuio? conhece aquelle que a festeja, que lhe faz caricias, e paga a sua divida de reconhecimento com a moeda que se bate em seu organismo, com um sorriso: e os braços que levanta para elle, são a expressão do desejo de querer mais de perto receber suas caricias: entretanto que, se estranha o individuo, volta-lhe o rosto para o lado da mão.

Assim já nesta idade a mulher dá signal de reconhecimento e repugnancia, duas paixões que veremos ser origem de uma outra paixão mais poderosa, e que confundidas nella, serão o movel de toda a sua vida, guardando-se mutuamente, e servindo de correctivo uma aos excessos da outra.

A menina já vai andando! Como é graciosa!

Se vos conhece corre para vós, quando não, corre a acolher-se no regaço da mãe chorando, doude segura com a agude materna vos manda um sorriso, muitas vezes inda enopado em lagrimas.

E um menino?

Corre, mas sem chorar, e ao lado da mãe se conserva sombrio e desconfiado.

A diferença dos caracteres, estão quasi desenhados!

A menina chora e corre, porque tem medo.

O menino corre, porque repelle e não pode accommetter.

Ella é a Pomba diante do Açor.

Elle o Tigresinho diante do Leão.

Um não lutaria inda que pudesse.

O outro não luta, porque não tem forças.

Em um é a timidez, que hade ser modestia, recato.

Em outro é a confiança, que hade ser orgulho e audacia.

Ambos crescem, e juntos brincão e folgão; porém como!

A principio a menina tinha a sua boneca, que chamava de filha; e o menino tinha seu cavallo que era um cabo de vassoura; tinha seu chapéo ar mado feito de papel, e com uma vara, na mão montado na vassoura arremedava o commandante que viu na parada do dia 2 de Dezembro. A menina, assim, folgava só; não podia brincar com elle! Que graça pôde ella achar em brinquedos estrepitosos, que canção as pernas, e não fallão ao coração?! Dirige-se á elle para convidal-o a brincar a seu modo, com a sua boneca; mas elle todo enthusiasmo pelo seu heróe, recusa-se com aspereza.

Que deve ella fazer?

Faz-se soldado tambem, e agora a vereis de páo ao hombro, servir de exercito áquelle general improvisado.

Nesta feição da vida da mulher, sobresahe evidentemente a sociabilidade e a abnegação de si. Prosigamos.

Estão na juventude. A menina é uma flôr desabrochada em todo o seu viço; o menino é um carvalho desenvolvido em toda a sua força.

A menina é uma borboleta no vago, no inquieto.

Deixa o piano, pela costura, e esta pela janella aonde vai estender a vista, ou conversar com a vizinha sobre o Campestre, as modas ultimas do *Jornal das Senhoras*, ou sobre a doença do seu sagui. *Pobre sangui! Eu chorei tanto, minhas saudades!*

O menino... mas não é nosso proposito, fazer a comparação dos sexos, ella só nos poderá servir quando quizermos fazer mais saliente alguma das bellas qualidades da mulher.

#### IV.

Resumamos agora tudo que apontamos, e vejamos se poderemos explical-o.

Dissemos já, que aquelle sorriso e estender dos braços da menina inda no berço, era essa materia, esse metal de ~~primoroso~~, de que é formado o elo social, que liga os pais aos filhos, amigos a amigos; homiens a homiens, o re-

conhecimento emfim, sentimento mais nobre de uma alma elevada.

Depois vimol-a correr, porque estranhou, e fizemos conhecer a qualidade do movimento que a fez correr. Mas este correr foi de pouco tempo, porque a pouco espaço ella dirige, manda um sorriso, como um parlamentar que vai propór a paz.

Não pôde haver nada de mais social.

Mas agora não é mais o reconhecimento, é um sentimento ainda mais nobre.

E' o desejo de afeiçoar.

E' o desejo de não aborrecer.

Porque sua alma não pôde estar fechada, quer abri-se para viver.

O odio opprime-a, a afeição dilata-a.

Faz-se digno de registrar-se o convite que vimos fazer a menina ao menino para vir brincar com ella e a sua boneca. Verdade é que ella podia furtar-se ao desgosto de uma recusa, brincando com a sua boneca, mas a boneca não é aumada, e assim brincava só; e só, não se divertie.

E porque se não diverte só?

Porque é social.

E porque é que ella é social?

Porque precisa ter reconhecimento.

Pelq' que?

Porque o reconhecimento é um movimento da alma que dá em paga aos outros o melhor de si.

Não podendo divertir-se só, convida o menino para brincar com ella a seu modo, sim com a boneca, porque outra cousa não pôde entretel-a.

Esta predilecção pela boneca é a pratica da sociabilidade, ao passo que offerece alimento a um sentimento de que ainda não fallamos, tronco de todos os movimentos generosos e exhaltantes que nascem em sua alma.

Querer que, o menino brinque á seu modo... nada mais natural! Neuhum outro brinquedo, a não ser uma boneca, pôde satisfazer as tendencias de sua alma; entretanto ninguem é mais docil e condescendente! não podendo conseguir o seu intento, procura accomodar-se ao modo do menino, sómente para não estar só, porque a sua primeira necessidade é a sociedade, agora que é criança; logo mais, quando veucer mais alguns annos, um sentimento mais imperioso lhe dictaria, que não recuasse de seu proposito; porque elle mesmo lhe serviria de sociedade quando tudo lhe faltasse.

Entretanto a menina cedeu, a menina sacrificou-se á vontade do menino. E' o primeiro passo nessa via de consagração onde deve esgotar as forças de seu corpo e a vida de sua alma.

E como cedeu ella?

Cedeu como deve ceder quem se sacrifica.

Como a natureza ou antes Deus foi tão sabio no arranjo desse ente que faz nossas delicias!

A mulher sacrificando-se á vontade do homem cumpre o seu destino de consagração, entretanto que não destróe essa lei divina que a recommenda á protecção do homem.

E' uma condescendencia que podja ser obrigação.

E' uma condescendencia, que presume iguaes direitos, porque ambos são livres.

Na juventude vimos a menina ser uma borboleta no vago, no inquieto; fallar em bailes, em modas, e por fim no seu sagui, que tanto afeiçoava, e que a fez derramar tantas perolas, que se fossem enfiadas farião um bello collar...

Está desenhado seu character. Com a idade um sentimento imperioso pelo poder, bello pelo sentir, violento pelo ardor, e arrebatado pelos gozos que offerece, veio absorver todos os outros sentimentos, e reinar como despota sobre sua alma!

O amor amanheceu para ella!

O amor invadiu seu horizonte!

O amor é sua vida!

Agora vamos de novo ter occasião de admirar a sabedoria da mão Divina.

O amor, com quanto tenha absorvido todas as outras qualidades da mulher, não a despiu dellas; ajuntou-as sob seu commando, e converteu-as em seus auxiliares ou seus instrumentos.

O que é o reconhecimento, senão a porta do amor?

O que são condescencias, senão suas mensageiras?

Os bailes e as modas o que são, senão meios de agradar e entreter relações?

A mulher vagueia como a borboleta, porque procura a quem amar.

Porque amar para ella é viver.

E' como a abelha perdida, procurando o casulo para depôr o seu mel.

Na falta de um ente racional que melhor a comprehenda, seu coração derrama-se sobre o sagui, que ao menos lhe pôde dar algum signal de reconhecimento.

E' uma illusão que busca para acalentar saudades da realidade!

Feliz sagui! que recebes osentos, por quem dera talvez um homem metade da villa!

Continua.



### UM COBARDE.

#### II.

No dia seguinte, Savigni estava em casa triste e pensativo; uma voz, que logo conheceu, perguntou se estava em casa; e alguns segundos depois seu criado annunciava o Sr. Lascour, que sem mais demora entrou com liberdade quasi que familiar. Savigni o mandou assentar civilmente, e Lascour principiou.

— Tive a honra de encontrar-vos em casa da Sra. de Neville, e venho prestar-vos um serviço.

— Qual é?

— Sois fraco...

— Senhor, semelhante insulto não ficará impune, eu provarei...

— Peço-vos, que não vos enfadeis; bem conheço que não estais encolerizado, tendes medo,

e eis ahí tudo... mas não venho insultar-vos; assim dissipai esses visos de coragem, que não me enganão. Continuo pois.... e vos digo que sois um cobarde.

— Senhor!...

— Deixai-me acabar.

— Não, senhor; não soffrerei...

— Oh! Que homem!... Quando digo que não venho insultar-vos...

— Uma tal injuria em minha casa!

— Mas escutai-me; não haveis de desgostar: eu tambem sou fraco como vós, mais fraco, mil vezes mais fraco: tranquillisaí-vos, e conversemos como gente sensata. Não vos repetirei, que sois fraco, porque esta palavra vos fere; mas direi que não sois bravo. Eu tambem o não sou, como já vos disse; eis pois o que me trouxe á vossa casa:... não me comprehendéis, não é verdade?

— Nem uma palavra.

— Creio: mais alguma paciencia. Estareis lembrado que não ha muitos dias que almoçastes no Pavilhão de Ermenoville no boque de Bologne, e que um homem de bigode...

A estas palavras Savigni tornou-se pallido, occultou a cara entre as mãos, e disse com voz enfraquecida.

— Por piedade, esquecei!...

— Nada temais, replicou Lascour com seu habitual sangue-frio: não recordarei mais o ultraje que soffrestes, e que tanto vos deshonra, porque estou aqui como amigo; sómente vos digo, que vi insultar-vos, e que supportastes o insulto. Ainda não concebeis a razão da minha visita?... Estou certo.

— Não, senhor.

— Eu continuo. Tendes justo com a Senhora de Neville esposar sua filha: a noiva é encantadora e tem quinhentos mil francos de dote; tudo está de accordo. Mas eu hontem, depois que sahistes, disse que eris o homem do Pavilhão de Ermenoville; e a joven declarou formalmente que nunca esposaria um homem deshonrado. A occasião é bella, o dote é avultado; e seria duro pardi-o: é absolutamente preciso que pratiqueis alguma bravura, que faça estrondo e que recupere a vossa reputação, sem que se corra o menor perigo... entendei—sem que se corra o menor perigo: tenho chegado ao ponto principal da minha visita.

Lascour parou um instante. Savigni, immobíl e de olhos baixos, estava como asphixiado, e sómente de tempo a tempo uma grossa lagrima se deslizava por suas faces. Lascour com semblante risonho, se balanceava na cadeira desembaraçadamente, e observava o paciente com ironico sorriso. Depois continuou.

— Eu tenho, como vós, necessidade de um rasgo de coragem que dê que fallar; e a razão é bem clara. Eu sou jornalista, como sabeis... Nesta profissão, para viver é necessario ser picante; para ser picante é preciso ser um pouco menos do que verdadeiro; é preciso personalidade e escandaloso; mas eu tenho medo de alguma maçada que me reduza os ossos a cavacos... portanto é forçoso ter um duello brilhante por escudo, assim abrigado poderei atacar impunemente; ninguém

me pedirá satisfação; e escreverei livremente. Logo que vos vi receber o insulto no Pavilhão de Ermenonville determinei seguir-vos por toda a parte, e escolher uma occasião para vos insultar publicamente, para assim firmar uma reputação de coragem sobre vossa fraqueza. Mas, não sei porque, não obstante este insulto, vos estimo; tenho-vos observado neste triste encontro, e me pareceis homem honrado; estais indignado contra vós mesmo; tendes feito quanto estava ao vosso alcance para bater-vos, e sómente a vossa natureza é que o não consente; estou certo de que bastantes noites tendes chorado com a lembrança desse ultraje! Também immediatamente tenho renunciado o projecto de vos insultar, e achei um meio que tudo concilia, que firmará a vossa reputação, e que estabelecerá a minha; que fará o vosso casamento, e assegurará a minha posição: o meio é este—

Savigui que por espaço de um quarto de hora não fallava, e que estava com o condemnado em presença de seus verdugos, estendeu de repente as pernas que tremião, e com penivel esforço levantou a cabeça bruscamente, aproximou-se de Lascour, e exclamou com voz rouca:

— Compreheúdo-vos e vos desprezo: sahi.

Lascour sorriu-se, e replicou sem se desconcertar.

— Se eu não estivesse tratando dos meus interesses, como também dos vossos, não estaria aqui nem mais um segundo; porém tenho necessidade de vós, assim como a tendes de mim, e vos direi embora o não queiraes...

— Sr., replicou Savigui, com dignidade mas embarçado, haveis-me entendido...

— Escutai, disse Lascour, peço-vos perdão de ter fallado algumas vezes na fortuna da Sra. de Nerville; sei que estais acima de toda e qualquer idéa de interesse; mas eis ahí o que vos prende a mim— amais Maria, amais apaixonadamente, e ella vos ama do mesmo modo; teréis coragem de a renunciar voluntariamente?

— Sim; antes renuncial-a, de que obtel-a por fraude.

— Lembrai-vos porém, que não sómente a perdereis, mas que ficareis deshonrado no seu conceito; que sempre encontrará na vossa aphi-sionomia os traços do insulto; e que quando vos encontrar dirá consigo— Eis o homem que recebeu uma bofetada!— Oh! isto é um supplicio do inferno! Exclamou Savigui, e o suor lhe corria copiosamente.

— Dizei uma palavra e esse supplicio cessará.

— Mas enfim; que queereis fazer?...

— Ide esta tarde á ópera; assentaí-vos do lado esquerdo em um dos primeiros assentos, chegarei um quarto de hora depois, e no meio do espectáculo eu entro; viade diteito a mim e me perguntareis com que direito vos tenho calumniado; responderei grosseiramente; me chamareis insolente; encoleriso-me, e me dareis uma bofetada; uns gritão, outros se levantão; em pouco tempo estaremos cercados pela multidão; clamarei alto pelo vosso nome para que vos reconheção, e nos desafiaremos para o dia seguinte.

— Nunca! nunca! exclamou Savigui. E o desgraçado estava arquejando.

— Então não amais Maria?

— Não a amo?... meu Deus! não a amar!... E batia na testa com violencia.

— Está bem! Então deixai-me continuar. No dia seguinte, quero dizer, amanhã vamos ao desafio....

— Quando vos digo que não irei!... respondeu Savigui com raiva; não, não irei! Sabei que o que me propodes seria o desespero eterno da minha vida! Obter por fraude o que ha de mais bello no mundo, a estima dos homens! ter por astucia consideração e amizade! pensar, no meio das mais puras caricias de amor, no engano por mim praticado; ver-me honrado como homem honesto, e sentir-me o mais vil, o mais desgraçado de todos os entes!... Não, senhor, mil vezes não. Pois que sou fraco, passarei por fraco; não desejo reputação de bravura. Eu não irei.

— Está bom, replicou Lascour com sangue frio, está bom; eu vou dizer a Maria....

— Ah! por favor, não pronuncieis esse nome... Que fazer? Oh! quanto soffro! Lascour, sois o meu genio do mal.... Maria... a des-honra.... o mundo... a minha consciencia.... Minha cabeça se perde!... O meu Deus!... Se eu devo viver mais trinta annos, tirai-me vinte cinco e dai-me coragem!

— A que vos offereço não vos custa nada; porque a não queereis? Não receberei também uma bofetada? Só eu vi o ultraje: só eu o tenho espalhado; vós me atacareis como calumniador, tudo está acabado.... Escutai-me pois, e deixai-me acabar. Ireemos para o logar do desafio de manhã, e ficaremos a vinte passos um do outro.... Carregão-se as pistollas, e atiramos juntos.... seis polegadas mais alto, entendeis? seis polegadas mais alto. Ao primeiro tiro, as testemunhas declarão que a honra está reparada, mas vós, porque eu vos deixarei toda a gloria, direis que a reparação não é sufficiente.... outra vez. Torna-se a carregar.... atiramos... sempre sem nos tocarmos.... carregamos terceira vez e acontecerá o mesmo: então as testemunhas se interperão com força, vós cedereis declarando sempre, que em meu logar não estarieis satisfeito. Não obstante, nos reconciliaremos, daremos as mãos; eu sou um bravo, vós um heróe; vossa reputação ficará estabelecida, esposareis Maria, e eu annuncio no meu jornal o occorrido. Que dizeis do plano?

Savigui não respondia. Com a mão encostada á cabeça mechendo com os cabellos parecia devorado por um desses combates interiores que tirão dez annos de vida em uma hora; seus joelhos batião de encontro um no outro, e os labios abertos deixavão ver os dentes fortemente cerrados. Esteve assim cinco minutos adiante de Lascour, que aterrado com o espectáculo desse supplicio, silencioso e immovel tremia e impal-lidica.

De repente Savigui tirou a mão da cabeça, levantou-se, e com voz rouca e entre dentes disse a Lascour. «Esta tarde á Opera» e correu a fechar-se na sua alcova. »

(Continua.)



DA CORTE



**CIOSA.**

De trair a fé jurada,  
Sem vós a terdes quebrada,  
Sou incapaz

L. A. PALMEIRIM.

Tuas faces nacaradas  
De triste pranto banhadas,  
Anjo meu!...  
Oh!... que fêns? em que cogitas?  
Porque assim os olhos fitas  
Lá no céu?

Volve a mim teus olhos bellos!  
Deixa que eu beije os cabellos  
Lindos teus?...  
Ès a musa que me inspira...  
Só a ti consagro a lyra,  
Só a Deus!

Mas... choravas, virgem pura!  
Era de dôr, de ternura?...  
— « Trovador,  
« Eu chorava... como a aurora  
« Quando dos prados irrorra  
« Linda flor...

« Chorava sem ter motivo...  
« Era um pranto fugitivo  
« E sem dôr,  
« Como se tu me fallando  
« Estivesses retratando  
« Teu amor.

Terna rôla carinhosa!  
Me'ga virgem tão formosa!  
Serafim!  
Mão de Deus que me amparaste!  
Nivea estrella que brilhaste  
Só p'ra mim!

Ao trovador namorado,  
Ao teu servo devotado,  
Falla assim!  
Vês tu? Este amor tão terno  
È, como o Senhor, eterno—  
Não tem fim!

« Juras!... — Sim, juro! hei-de amar-te,  
— Com fervor hei-de adorarte;  
— Nem terei  
— Outro bem, que tu não sejas:  
— Antes que falso me vejas,  
— Morrerei!

« Trovador!... Alfin revivo!...  
« Não foi, não foi sem motivo  
« Que chorei...  
« Eu te julgava inconstante!...  
« Fui injusta: d'ora avante  
« Te crerei...

Novembro de 1851.

A. J. Fernandes dos Reis.



**JOSEFINA BEAUHARNAIS,**  
**primeira mulher de Napoleão.**

Josefina accommodava-se perfeitamente ás diferentes phases do caracter do Imperador, e tinha um tacto fino para as fazer valer: « Nunca lhe aconteceu, por exemplo, dizia Napoleão, pedir-me cousa alguma para seu filho Eugenio, nem agradecer-me o que eu lhe fazia: queria de tal sorte mostrar-se persuadida e convencer-me de que tudo o que eu fazia por elle, era negocio meu e do meu interesse, e não della, que até mesmo naquelles dias em que maiores erão os favores, nunca deu a conhecer a sua solicitude ou a sua complacencia. E todavia nunca duvidou de que algum dia eu o adoptaria por meu successor.

O Imperador estava convencido de que elle era a pessoa que ella mais amava; e accrescentava, rindo-se, que por elle deixaria Josefina um *rendez-vous d'amour*.

Nada havia no mundo que a fizesse recusar uma viagem, por mais penosa que fosse; fadigas, privações, de balde a farião desgostar: chegava a ponto de ser importuna e arteira para o poder acompanhar. « Entrava eu n'uma carruagem, alta noite, para uma digressão longuíqua, eil-a já de dentro e assentada, bem que não tivesse sido contada para a viagem.—Mas é impossivel que vós me acompanheis; é compida a viagem e tereis muito que soffrer.—Qual soffrer! respondia Josefina.—Mas é necessario que eu parta já.—Pois bem, estou prompta.—Demais, é preciso um grande estado.—Convenho, dizia ella, está tudo preparado.—E a maior parte das vezes eu era obrigado a ceder.

« Em summa, concluiu o Imperador, Josefina fazia a felicidade de seu marido, e sempre se mostrou a sua mais terna amiga, professando em todos os momentos e em todas as occasiões, a sujeição, a dedicacão e a complacencia a mais decidida e absoluta. Pela minha parte nunca deixei de me lembrar della com saudade e o mais vivo reconhecimento. »



**O FILHO MALCRIADO.**

Uma senhora de qualidade tinha um filho, a quem tanto temia desgostar contradizendo a

menor de suas vontades, que o menino se tinha tornado um pequeno tyranno, insupportavel á toda a familia. Seu marido, parentes, amigos, lhe representavão que deste modo perderia seu filho: tudo era inutil.

Uma noite estava a senhora no salão com uma numerosa companhia, quando seu filhoahi en- tra esbaforido, chorando, gritando, agatanhan- do-se, e entre mil soluços se queixa á mamã, de que o criado que o seguia recusava obstina- damente dar-lhe uma cousa que pedia. «E's um impertinente, diz a senhora para o criado, em expôr o menino a algum ataque contradizendo por esta fórma a sua vontade. Ora vamos, vai dar-lhe o que elle pede.—Isso é que eu não fa- rei, senhora....—Não farás? Essa é boa! grta a dama já enfadada: ora, obedece ao que eu te mando.—Não, senhora....

Sem querer mais ouvir, nem attendêr, a se- nhora corrê a um gabinete onde seu marido jo- gava com alguns amigos, e quasi suffocada pela colera lhe pede uma satisfação do atrevido cria- do, que ousava contradizel-a.

O marido, que presava a paz da familia e tambem não tinha olhos para ver o máo canui- nho que ia levando a educação de seu filho, acompanha sua mulher, e entrando no salão: «Eu não soffrerei, diz para o criado, uma tal des-attenção á senhora e ao menino: ou obedece ou sahe já desta casa.—Mas, senhor, se me ti- vessem deixado fallar, ver-se-hia que é impos- sivel.—Não é já tempo de admittir desculpas: vai dar ao menino o que elle te pediu.—O que elle me pediu, senhor, e queria por força que eu apanhasse para lhe dar, era a imagem da lua que se reflectia no tanque do jardim. Se alguem se empenha em lhe satisfazer este desejo, pôde ir ao tanque que a lua ainda lá está; mas, pela minha parte, não tenho a habilidade de a apan- har.—A estas palavras, a companhia não pôde mais conter-se; as risadas rebentãrão com es- trôndo de todas as parte.

A senhora ficou tão envergonhada desta sce- na ridicula, que se corrigiu de sua fraqueza desarrazoada; e d'ahi em diante deu melhor criação a seu filho. Muitas mãis precisarião de uma semelhante aventura. E muitos pais tam- bem, porque tenho-os eu visto.... que são mes- mo uma abohora d'agua!

### PARTES QUE COMPÕE A FOR- MOSURA.

#### OLHOS.

Sem bons olhos não pôde haver formosura. O singular adorno e belleza do orbe celeste são as estrellas, o que nos corpos humanos correspon- dem os olhos. São elles os sóes e luas da formo- sura; e assim como o sol e a lua são os maiores planetas que alumiaão o mundo, os maiores olhos são os que mais aformoseão o rosto. Hão de ser rasgados e vivos com socego, deleitosos e ho-

nestos juntamente. Quanto á côr, dizem os poe- tas que os melhores são azucos; mas nós somos de opinião contraria, porque preferimos os pre- tos ou castanhos escuros.

#### FACES.

Região importantissima da formosura. Con- vém que sejam alguma cousa relevadas, e em seus centros quasi encarnadas; e que este ver- melho se vá diminuindo pela circumferencia, de modo que, acabando invisivel, fiquem os ho- rizontes com perfeita brancura; e assim nas fa- ces hão de estar estas duas côres branca e ver- melha tão casadas, que não se possa julgar fa- cilmente qual pôde mais.

#### BOCA.

E' a boca a porta do edificio da formosura, é a cova para onde foge e se esconde o amor de- pois de roubar uma alma, e matar um coração. Convém que seja mais pequena do que grande; mais grossa que delgada; com menos retiro que relevo, e a côr pura do cravo.

#### TESTA.

Convém que seja branca, espaçosa e total- mente lisa.

#### CABELLOS.

Hão de ser copiosos, compridos e pretos, ou castanhos escuros.

#### SOBRANCELHAS.

Devem ser compridas e arqueadas, e bem cheias de pelo, e este tão unido e tirado que não exceda um do outro: a côr deve ser irmã da do cabelo.

#### PESTANAS.

Devem igualar á côr das sobrancehas, e esta- rem mui unidas em sua ordem, e sereem com- pridinhas. Camões achou muita efficacia nas pestanas, quando disse de uma formosura:

Com graça inhumana  
De cada pestana  
Uma alma lhe prende.

#### NARIZ.

Aqui é onde mais tropeça a formosura, e que raras vezes a natureza concede com perfeição cabal. Rarissimo é o nariz bem ajuntado, e como deve ser; e se o não é, decompõe muito a um rosto; por mais bello que seja nas outras partes. E' necessario que seja branco e tão liso como a testa, e que seja pyramidal; e se há de peccar

em grande ou pequeno, tenha menos disto que dest'outro.

## DENTES.

E' preciso que sejam alvos, lisos, iguaes, miudos e unidos. A natureza raras vezes os produz com todas estas condições; mas quando não são assim, têm as cortinas dos beiços com que se encobrem. Elles são os almotaceis que abaratao ou encarecem o riso nas damas; porque se os têm bons riem-se a miudo; porém se os têm máos devem fazer da necessidade virtude, e lhes servirá de véo a mão.

## BARBA.

Deve ser cheia, redonda e mediana, sem sahir, nem retirar-se; e no meio lhe accrescenta muita graça uma covinha não mui funda.

## ORELHAS.

Hão de ser de mediana formatura, com a conformidade daquelle mixto de branco e encarnado. Antigamente não fazião as nossas damas apreço das orelhas, e por isso as trazião mettidas dentro de umas toucas ou coifas. O que inventou tal costume teve para si que era necessario ás mulheres ouvir pouco; pois com aquella moda lhes mandou trazer os ouvidos tapados.

## PESCOÇO.

Deve ser comprido, roliço, branco, liso, e se fizer um certo modo de rosquilhos, será perfeito.

## SEIO.

Deve ser alto, claro e liso; e nem muito grande, nem demasiadamente pequeno.

## MÃOS.

Hão de ser compridas, roliças, cheias e mui alvas. Os dedos piramidais alguma cousa encarnadinhos. Quando se estender a mão hão de fazer umas covinhas na raiz dos dedos pela parte exterior.

## PÉS.

Pequenos e cheios.

## VOZ.

Deve ser fina, viva, suave e afinada.

## RISO.

Ha de ser moderado e não frequente, porque deste modo accrescenta muita graça. O riso é circumstancia propria da formosura, e por isso

os antigos á Venus, deusa da formosura, derão o titulo de risonha, e lhe levantarão templo com imagem representando acção de rir.

## ESTATURA.

Importa muito que seja moderada, mas antes para mais alta, do que para pequena. Aqui é onde está muito por ser bella huma dama, porque ainda que tenha bom rosto não se dirá perfeitamente formosa se não fór de uma bem proporcionada estatura, antes esta suppre alguns defeitos.

## ANDAR.

Tambem é circumstancia da formosura. Entre a pressa e o espaçoso ha de haver um movimento grave, airoso, modesto e sereno.

Este excellente artigo de uma linguagem classica, tirado de um periodico portuguez antigo, se ainda aqui não foi publicado, tem appropriado acolhimento no JORNAL DAS SENHORAS, se a digna Redactora em Chefe assim o entender.

Viscondessa da.....



## THEATROS.

Cumpro a minha palavra, minhas caras leitoras. Eis-me arvorada em censora de theatros, fazendo-me sem duvida os requisitos necessarios para tal. Haverá quem diga—a Dêlia saberá musica? saberá contra-ponto? scenographia? historia?... e quantas cousas mais, meu Deus?... Mas, responderei a isso—não é da conta de ninguém. Um artigo de theatros para o JORNAL DAS SENHORAS, não exige essa vastidão de conhecimentos profissionais necessaria para um folhetim de algum desses jornaes de grande plaua. Direi simplesmente ás leitoras—tal opera foi bem desempenhada—este ou aquelle duetto, esta ou aquella aria tiverão estes ou aquelles defeitos—o Sr. F. desafinou—a prima-dona cantou bem.—Direi alguma cousa sobre a musica; a respeito dos empregarios, e em geral, farei quanto possa para satisfazer ás leitoras: eis o meu programma.

Principiaré pois o meu primeiro artigo declarando, que não teuo partidos, e que ninguém espere de mim elogios immerecidos, nem tema censuras desabridas e injustas: e dado o programma e feita a profissão de fé, vamos ao Sr. D. Paschoal.

Esta opera lyrica, segundo dizem os entendedores, e servindo-me da propria phrase de certa autoridade musical—é um perfeito bouquet (ramallete) dos mais bellos pensamentos de Donizetti; a sua execução não foi das piores, e sem duvida que o respeitavel não será justo, julgan-



do-a logo na primeira representação; é verdade que o Sr. Bamonda desafina consideravelmente; mas o resto dos cantores esteve bom. A Sra. Candiani e os Srs. Laboceta e Ribas cantarão bem; e seria uma injustiça não os apreciar devidamente; assim convidamos os dilettanti para que novamente vão apreciar as bellas inspirações do maestro. Não é muitas vezes na primeira execução de um spartito que se podem avaliar as bellezas da musica.

Na vida humana ha muitas vezes occasiões em que o coração tem mais vontade de chorar, do que de rir e de cantar; e foi por isso que a Norma na noite de segunda feira não correu como fóra para desejar; a banda militar, estava pouco ensaiada, os côros, ou se adiavam ou atrasavam; a Sra. Zecchini, que na noite antecedente cantou bem, deixou escapar algumas imperfeições na execução; e então lhe recommendamos, que mais prudente em alguns casos é cantar o que está escripto do que, á força de muito querer variar, mostrar talento na corrida de escalas das notas, que se não desafinão, encommodão os ouvidos pela espereza com que são executadas. No fim da cauleta da *Casta diva* na fermata *il cor ti dice allora* proferiu uma nota tão aspera que bastãnte nos encommo lou: achamos o terceto frio; mas no mais a peça correu regularmente. O dueto do segundo acto *Deh con te* teve boa execução e foi devidamente applaudido. Pedimos encarecidamente a Sra. Zecchini que comprehenda melhor o *son io* depois do coro de guerra, quando denuncia perante os druidas a complice de Pollion. A Sra. Kastrop, mais um pouco de estudo dos seus movimentos; deve estudar mimica e aperfeiçoar o seu methodo de canto, porque em alguns casos parece que sua bella voz não tem a flexibilidade e energia que em outros apresenta tão favoravelmente.

Estão em ensaio o *Bravo* e a *Leonora*: Deus as faze bem, e que o publico coadjuve o empregario nos bons desejos que mostra de bem o servir. Sabemos que as companhias estão desmontadas, que elle man lou á Europa contractar novos artistas, e que o encarregado dessa commissão levou ordens francas. Esperemos.

Não nos entremettemos a fallar das patpadas dadas ao *Marinhêiro* e á *Estrella*, por não ser proprio de senhoras essa discussão: diremos só que são injustas e improprias de espectadores civilisados.

No theatro de S. Pedro está em scena a *Degolação dos innocentes*, drama as-as conhecido. É nossa humilde opinião que a arte e gosto retrogradaõ com semelhantes representações; mas enfim ahi está o publico para julgar comprando cadeiras e camarotes por preços extraordinarios; quer isto dizer, que a nossa opinião está isolada: paciencia.

Fechemos a correspondencia theatral, deixemos o *Bondelmonte*, para o seguinte numero, e vamos ao *Elixir*.

Rio 23.

Délia.

### Molestias do peito, defluxos, tosse, etc.

Mr. Paulo Gage, pharmaceutico de Pariz, dirigiu em fevereiro do anno passado a seguinte carta aos redactores dos jornaes d'aquella cidade.

« Tende a bondade de dar logar em vossas columnas ás seguintes observações que dirijo a todos os medicos, assim como á todas as pessoas que teem a desgraça de serem sujeitas á molestia de peito.

« O anno passado eu preparei, pelo formulario de alguns dos primeiros medicos de Pariz, uma massa peitoral, cuja fórmula é a seguinte: geléa de musgo de Islandia, duas libras; xaropé de bofe de vitella, dez libras; conserva de amoras, seis libras; asneaz-branco, seis libras; balsamo de tolu puro, duas onças; *thriduceo*, ou extracto de alface, seis oitavas; extracto de *ipéca* duas oitavas.

« Duas onças desta massa contêm geléa de musgo e de bofe de vitella, adoçadas, uma onça e duas oitavas; conserva de amoras, uma oitava; gomma, seis oitavas; balsamo do Perú, dois grãos; extracto de alface, um grão. Rejeitamos o ópio por causa dos accidentes que produz algumas vezes.

O resultado obtido desta preparação por todos os medicos que della teem feito uso, prova a sua superioridade absoluta para a cura das inflammções do peito, dos defluxos e tosse. Em todos os casos ella tem sempre applicado os symptomas mais graves, como a tosse, a oppressão, a insomnolencia, &c. Poderia citar casos de tísica pulmonar adiantada, em que esta massa foi a unica substancia alimentaria, que o doente pôde supportar; foi ella só que reanimou suas forças, e pelo seu uso continuo de dois mezes, suspendeu os progressos rapidos que havia feito esta cruel molestia.

« Limito aqui ás minhas observações, persuadido de que os medicos e o publico estimarão esta communicação que só faço por amor da humanidade. »

(TRAD.)

Viscondessa da...

No momento de entrar no prelo o nosso JORNAL, tivemos participação de que uma linda quad. ilha de contradanças, escriptas sobre alguns pedaços da opera *D. Paschoal*, p la mão de uma das nossas dignas assignantes, não podia a lithographia apromptal-a para hoje por falta de tempo que teve para esse trabalho. Em compensação damos uma estampa com figurinos, mas sem a sua descripção, por tambem nos faltar o tempo.

REDACTORA EM CHEFE.